

## **Envelopes**

Evaristo E. de Miranda<sup>1</sup>

05/05/1997

A palavra desenvolvimento foi tão usada pela economia e pela sociologia que acabou contaminada. Entretanto sua origem etimológica é evidente: desenvolver é o oposto de envolver. Quem se des-envolve, livra-se de envolvimentos e matrizes. O desenvolvimento da criança, do adolescente e da pessoa humana evoca esse processo, oposto as prisões, aos envolvimentos ilusórios e esterilizantes. Cada indivíduo deve buscar o seu verdadeiro lugar na vida, rompendo com os envolvimentos que limitam e confundem. Para se libertar do primeiro envelope, o ventre materno, as forças naturais bastam. Para se livrar dos envelopes verbais e imaginários, tecidos em torno de nós pelos pais, familiares e sociedade, as forças sobrenaturais - simbólicas e espirituais - são necessárias.

Em nossa vida o primeiro envelope, o do ventre materno é essencial e necessário por nove meses. Mas esse envelope material no final da gravidez se torna prisão e limite. O desenvolvimento progressivo do embrião, do feto e do bebe levam ao abandono do envelope uterino e ao nascimento. No tempo certo, mas de forma inevitável, a criança nasce, rompendo a matriz ventral da mãe. As condições do parto não são sem conseqüências sobre a psique e o destino do recém-nascido. Ao sair de um envelope, entra-se em outro: o organismo familiar, uma nova matriz abdominal. Só o fantástico e misterioso passo do nascimento deveria ser suficiente para o reconhecimento, por parte dos pais, do quanto a criança pertence a si mesma, ao milagre da Vida e não a eles. Mas estes apegam-se aos filhos como propriedades, desenham-lhes nome, futuro e destino. Dificultam suas vidas.

Uma primeira marca ilusória de destino é dada pelos pais na escolha de um nome. Marca impositiva, consciente ou inconsciente, das vontades paternas, maternas e familiares, o nome e o sobrenome será objeto de orgulho, de recusa, de incômodo mas raramente de indiferença. Um dos primeiros re-conhecimentos do indivíduo será sua identificação com seu nome. Com o tempo esse envelope também poderá ser abandonado. Muitos assumem outros nomes ao longo de suas vidas.

Mais tarde, existe um dia - na juventude ou na idade adulta - em que filhos, netos ou irmãos deixam os familiares, abandonam os entes queridos, afastam-se das práticas religiosas e de seus valores, recusam o convívio e o

afeto que sempre compartilharam. É como se a pessoa se tornasse cega, muda e surda ao mundo que sempre a envolveu. Ela passa a ouvir seu coração, seu sexo e sua espécie. O doloroso abandono do lar, familiares e amigos é vivido no conflito, na solidão, na ameaça e até na chantagem. Vive-se um incompreensível e absurdo esgarçamento do tecido familiar. As famílias vivenciam o momento de separação com dificuldade e lastimam a aparente perda de um ente querido como uma morte.

Como um estranho, desmemoriado, o jovem deixa a casa, vai viver fora, não se importa mais em rever os familiares, nem de participar de sua vida. Alguns pais recorrem a psicólogos, ao charme do dinheiro, a astrólogos, quando não a polícia, para tentar re-haver os filhos. No desespero, tentam encontrar culpados dentro e fora da família. O desenvolvimento natural do adolescente e do jovem os leva a busca de si mesmos. Eles estão rompendo a matriz ventral. Estão migrando para a matriz peitoral, mais interiorizada, sede do coração, da força de vontade e do desejo. Mas existem filhos, mesmo adultos, vivendo na dependência do envelope alimentar e afetivo dos pais. Vivem para comer e para beber. Vivem a matriz ventral como uma totalidade. Obesos, dependentes da bebida... Outros ainda, contam e projetam essa matriz até o pós-morte dos pais, através de ilusórias heranças e de um conflitivo acesso a seus bens materiais. Outros fundem-se de tal forma na vida familiar que não conseguem ver-se fora dela. Incapazes de amar, fora da relação familiar, mergulham num trágico destino fusional e estéril. Morrem simbolicamente ao lado dos pais, quando não são "mortos", como os filhos de Netuno - na mitologia grega - mortos pelo pai ao tentar violentar a própria mãe.

Uma etapa decisiva na caminhada do desenvolvimento é a separação dos filhos e dos pais. Os filhos se tornam verdadeiros filhos quando partem em busca deles mesmos e abandonam o envelope familiar. O afastamento da família, da casa e até de Deus é aparente. Permitirá mais tarde um encontro maior e melhor. Com o tempo, a matriz torácica dos desejos, dos impulsos, da vontade e da paixão cede lugar para uma matriz mais interiorizada ainda, a cerebral. O trabalho necessário para a diferenciação e a personificação do indivíduo é eminentemente psicológico e espiritual. O envolvimento cego com seus próprios fantasmas corporais e psíquicos também é longo e difícil de ser superado. O amadurecimento leva a revisão de vida, ao relacionamento amoroso e poético com os outros, à moderação e à medida.

Com o tempo e a santidade, muitos chegam ao abandono de tudo que não está destinado à eternidade em cada um: desde seus corpos até os seus acúmulos de conhecimentos, relações humanas e riquezas. São os

chamados seres desenvolvidos, os sábios e as pessoas maduras. Liberadas de quase todos envelopes e matrizes, elas vivem na vizinhança do seu próprio arquétipo. Estão cientes de seu verdadeiro nome, próximas do Ser, de sua absoluta unidade, alteridade e unicidade. Estão prontos para deixar a última e mais difícil das matrizes, a cerebral. E essa matriz foi superada na montanha do crânio, o Gólgota ou Calvário, por Aquele que é ressurreição e vida. No que pesem os envolvimento sociais e afetivos, desenvolver-se significa abandonar ativamente todos os envelopes, caminhar para si mesmo e encontrar-se na plenitude realizadora da Graça.

---

<sup>1</sup> Doutor em ecologia, professor da USP, pesquisador do Núcleo de Monitoramento Ambiental da EMBRAPA, e autor dos livros “Água, Sopro e Luz” e “Agora e na Hora” (Ed. Loyola).